

Modernismo em questão: a heresia do novo

Lucilia de Almeida Neves

GAY, Peter. *Modernismo: o fascínio da heresia — de Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 578 p.

Alguns livros encantam os leitores por seu estilo, outros por seu conteúdo e poucos pela combinação das duas características. O livro do reconhecido historiador alemão, radicado nos Estados Unidos, Peter Gay, *Modernismo: o fascínio da heresia — de Baudelaire a Beckett e mais um pouco*, combina estilo fluente e claro, erudição e síntese histórica muito bem elaborada.

O amalgama dessas qualidades, em um texto que trata de tema complexo, heterogêneo e com dimensões mundiais, por si só seria suficiente para atrair e cativar leitores. Peter Gay, todavia, oferece bem mais nas 578 páginas nas quais tece um enredo narrativo desafiador, culto e polêmico. Nela história, elegância textual e abordagem culturalista, de base weberiana, se entrelaçam em um painel construído por escolhas do autor. Trata-se de um mapeamento seletivo, mas bastante amplo e representativo para sustentar as sofisticadas análises que o autor tece sobre caminhos e nuances da produção literária e artística da modernidade no mundo ocidental.

Essas qualidades são mais do que suficientes para que o novo livro de Gay seja incluído no elenco dos mais instigantes e densos publicados no ano de 2009. Todavia, *Modernismo: o fascínio da heresia — de Baudelaire a Beckett e mais um pouco*, não é somente instigante. É também alentado, consistente e muito polêmico. Despertou juízos calorosos tanto no terreno da crítica negativa, quanto no que diz respeito à sua valorização. A título de exemplo, alguns de seus críticos mais contundentes não concordam com a idéia central de Peter Gay de que não existem múltiplos modernismos. Ou seja, de que o modernismo é único, pois apresenta as mesmas características nucleares, em diferentes fases históricas e nas variadas formas de manifestações artísticas. Outros o consideram incompleto na seleção de autores e obras analisados e afirmam estar na seleção e análise das manifestações musicais sua maior fragilidade, pois o Gay se omite em relação a importantes estilos do mundo moderno, como o jazz, o blues, o rock e o pop.

Além disso, o identificam como sendo profundamente eurocentrista. Entre os críticos do novo livro de Gay, no caso de analistas brasileiros, destacam-se os professores da USP, Teixeira Coelho e Francisco Alambert. Suas principais discordâncias recaem sobre as escolhas de Peter Gay. Ambos destacam o fato do autor ser muito econômico, ou melhor, quase omissivo no que se refere ao modernismo latino americano. Não concordam, especialmente, com o fato do autor ao se debruçar sobre a produ-

ção literária modernista na América Latina ter analisado somente a obra de Gabriel Garcia Marques, esquecendo-se de outros importantes autores como, por exemplo, o também Prêmio Nobel de Literatura, Jorge Luís Borges.

As críticas ao livro também destacam que em seu desconhecimento ou descaso para com a América Latina, Gay nem ao menos faz referências a eventos importantes como a Semana de Arte Moderna, no ano de 1922 e ao lançamento do Manifesto Antropofágico, em 1928, ambos acontecidos no Brasil. Afirmam, além disso, que em razão de seu foco se voltar para Europa e Estados Unidos, omite a grande contribuição para o movimento modernista mundial do arquiteto Oscar Niemeyer e do urbanista Lúcio Costa. Afinal os dois construíram, na década de 1950, uma cidade modernista, no interior de um Brasil ainda pouco familiarizado com os ares do modernismo e de suas ousadias estéticas e conceituais.

Consideramos, entretanto, que as omissões do autor não são suficientes para desqualificar o livro ou mesmo considerá-lo insuficiente nas suas escolhas. O próprio Peter Gay, no prefácio que abre a publicação, afirma não ter pretendido escrever uma história do modernismo, pois a amplitude do tema poderia prejudicar a consistência das análises. Considera que a opção por escrever uma história do modernismo demandaria a publicação de vários volumes, pois seria necessário encontrar espaço para todos. Enfatiza que sua meta não foi a de redigir um trabalho enciclopédico sob a forma de verbetes mais informativos e menos analíticos e também assume que fez escolhas, orientadas por critérios de relevância do autor ou da obra para a consolidação da cultura da modernidade.

Mas se o livro não é uma história do modernismo seu autor o escreve como um historiador. Portanto, na elaboração da narrativa e das análises estão presentes características peculiares a um texto histórico tais como: contextualização analítica e adoção de linha temporal que se movimenta do passado para o presente. Em outras palavras, Gay não escreveu uma história do modernismo, mas sim um alentado ensaio histórico sobre o modernismo. Esclarecida esta questão crucial cabe apresentar as principais idéias do autor e com elas dialogar.

Gay considera que é mais fácil exemplificar do que definir o modernismo, pois suas inúmeras manifestações estão presentes na literatura, cinema, artes plásticas, música, design, dança e teatro. Contudo, em sua tessitura textual acaba mais por caracterizar e qualificar o modernismo do que por exemplificá-lo.

Na qualificação do que é moderno destaca as seguintes variáveis: heresia, subjetividade, valorização do que é desconhecido, raro e experimental. O autor enfatiza que o modernismo cultivou liberdade, transgressões estéticas e comportamentais, além de criticar e demolir cânones clássicos. Em outras palavras, os modernistas apresentam, em comum, atitudes iconoclastas e criatividade revolucionária.

Entre as qualidades do modernismo chama atenção, em especial, para o que denominou fascínio pela heresia e valorização da subjetividade. Para ele o fascínio pela heresia se traduz na atração dos modernistas pelo ousado e inovador. O culto ao novo ganha dimensão sagrada e se sobrepõe aos valores tradicionais. Quanto à valorização da subjetivi-

dade, Gay afirma que artistas e autores modernistas sempre comungaram e ainda continuam compartilhando o compromisso de um mergulho nas suas intimidades e individualidades. Ao se dedicar a discorrer sobre essa qualidade do modernismo, busca em seus conhecimentos sobre Psicanálise fundamentos para melhor analisá-la.

Outra dimensão analítica explorada por Gay refere-se à sua compreensão de que o critério ideológico não é suficiente para explicar a revolução estética e conceitual da modernidade. Justifica essa sua afirmação com o argumento de que o modernismo, em sua dinâmica histórica, foi abraçado tanto por fascistas como por socialistas. Quanto a essa questão talvez Gay além de carregar um pouco sua escrita com tintas que distorcem a realidade também se omite quanto a experiências históricas fascistas de franca perseguição à arte moderna. Só a título de registro, não é possível desconhecer que nos anos de domínio do nacional socialismo na Alemanha aconteceram exposições de obras de artes de estilo modernista, que eram qualificadas pelos nazistas como arte degenerada. Muitos de seus autores foram perseguidos e uma enorme quantidade de pinturas e esculturas, destruídas.

Gay organiza a publicação em três partes, além do prefácio e do texto introdutório que versa sobre as condições históricas para surgimento e consolidação do modernismo. São inúmeras páginas que estimulam uma reflexão densa e saborosa. Nelas discorre sobre: o clima que confere qualidades específicas às experiências do modernismo, visão heróica dos artistas modernos, pintura e escultura (loucura do inesperado), prosa e poesia (as intermitências do coração), música e dança (a libertação do som), arquitetura e design (a máquina, um novo) e teatro e cinema (o elemento humano).

Quanto à dimensão histórica do modernismo afirma que seu nascimento foi possível em decorrência da prosperidade econômica gerada pela industrialização e por sua conseqüente urbanização. Constata que o modernismo é um fenômeno urbano que demanda além de criatividade iconoclasta, capacidade de consumo. Nesse sentido, entende que seria inimaginável sua existência sem o crescimento e a vitalidade de metrópoles como Paris, Londres, Amsterdam, Nova York, Chicago e Berlim. Nessas cidades e em tantas outras de seu porte floresce uma cultura de vanguarda sempre alimentada por artistas e consumidores de artes, encontrados, em especial, nas elites letradas e críticas dessas cidades.

Finalmente, cabe atentar para aspectos da dinâmica cronológica que Peter Gay construiu para explicar a historicidade do modernismo. Considera que o ano de 1848, em que Marx publicou o Manifesto Comunista, é o marco inicial do modernismo. De 1848 a 1880 o primeiro ciclo do modernismo consolidou as premissas de um movimento que integrou todo o século XX e agora penetra o século XIX. Isso porque considera que o modernismo ainda apresenta vitalidade e exuberância e que a pós-modernidade é uma criação sem fundamentos na realidade.

Para o autor, durante esse longo período que perpassa três séculos, o contexto de maior vitalidade do modernismo compreende o final do século XIX e o início do século XX, até as décadas de 1920 e 1930. Nesses anos a exuberância modernizadora arrefeceu em decorrência do triunfo de experiências totalitaristas e dos efeitos da forte depressão da economia, que atingiu o mundo capitalista. Um novo ciclo modernista iniciou-

se após a segunda guerra mundial. Caracterizado por criatividade, exuberância, originalidade revigorante e contestação transgressora, alcançou seu apogeu na década de 1960.

Para muitos historiadores esse apogeu coincide com a crise final da época de predominância modernismo e com o início dos primeiros traços dos tempos da pós-modernidade. Gay não compartilha com essa tese. Para ele o modernismo, apesar dos arautos da pós-modernidade terem decretado a morte do mundo da modernidade, ainda continua vivo e pleno de capacidade revigorante e renovadora.

A leitura do livro de Peter Gay é ao mesmo uma prazerosa e bela viagem pelos cenários da produção artística e literária do modernismo em diferentes países e um diálogo com utopias heréticas, que em sua ousadia, são sempre necessárias à renovação e embelezamento do mundo.



Resenha recebida e aprovada em junho de 2009.